

## Apesar de você

a música e a ditadura

Paulo Costa Lima

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

LIMA, PC. Apesar de você: a música e a ditadura. In: *Música popular e adjacências...* [online]. Salvador: EDUFBA, 2010, pp. 104-107. ISBN 978-85-232-1202-5. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

# Apesar de você a música e a ditadura

*Hoje você é quem manda, falou tá falado, não tem discussão...*

Chico Buarque

Estamos acostumados a falar de educação como construção positiva que se afasta da ignorância. O fenômeno ditadura nos obriga a pensar em seu reverso, a deseducação, que se apoia no processo de cerceamento da discussão, e conseqüentemente, da eliminação sistemática das diferenças. Ora, a liberdade de discutir afeta não apenas o rumo das decisões das questões colocadas em evidência: afeta também a própria construção da agenda. Vale lembrar que democracia é, antes de tudo, o poder de escolher o que escolher – ao invés de escolher o vencedor do Big Brother, escolher se vai haver ou não esse tipo de programa, se as emissoras vão ter ou não programação local, que tipo de políticas culturais serão implementadas, e assim por diante.

A vida cultural de uma sociedade é profundamente afetada pelo grau de liberdade de relacionamento com as manifestações artísticas e com os processos comunicativos. Já se vê que não estamos tratando ditadura e democracia como dois estados fixos e opostos (tipo liga/desliga), e sim pensando num continuum de gradações de liberdade, e de educação para usufruí-la. Sendo assim, é importante reconhecer que os problemas engendrados pela ditadura de 64 não evaporaram

com as diretas: eles estão engatados a situações estruturais da sociedade brasileira, aferrados a rincões os mais diversos e poderiam ser discutidos no contexto atual, ou ainda de forma histórica, ao longo do século XX.

Embora tenha sido heróico o esforço de burlar as censuras e esculpir mensagens e, mais que isso, esculpir uma visão de futuro, uma visão de solidariedade para além da repressão e da violência, tal como a pérola de Chico Buarque fez – canções sem as quais seria muito mais difícil atravessar de um lado para o outro –, e apesar de esse ser o lado mais visível e poético da questão, é preciso estar atento para uma outra dimensão: a violência que foi cristalizada na construção de estilos comunicativos que reverberavam o autoritarismo e o des-incentivo para pensar e escolher.

Estamos falando da montagem de uma gigantesca rede televisiva, e mais além, da montagem de um estilo de comunicação. Estamos falando do poder que esse estilo de comunicação teve sobre a formação dos públicos e sobre as bases da indústria cultural que, de uma forma ou de outra, representa o que aí está até os nossos dias. Estamos falando de décadas em que a “realidade nacional” era revelada diariamente de forma uniformizada para todas as regiões e quase todas as camadas da população – sendo a atual figura um tanto embalsamada do apresentador oficial, o ícone desse definhamento. Ou ainda, da alternativa perversa, bem exemplificada pela Porta da Esperança, ratoeira dos necessitados e carentes brasileiros, onde a exclusão ganhava ares de espetacularidade, entremeando lágrimas, humilhações, êxitos milagrosos, bondade do empresariado paulista, etc.

São apenas dois ícones, porém imaginem sua multiplicação; e imaginem o impacto de tudo isso sobre a formação de produtos culturais, e sobre os critérios para escolher o que ouvir e a que universo musical pertencer – serve como exemplo do processo, no fim da linha, o fato de que muitos índios Waiápi esqueceram suas canções,

colocando no lugar delas o repertório do Rei, com posters pendurados por toda a tribo. Para complicar, os processos de globalização (mais recentes) se encarregaram de levar adiante a fragilidade que já estava plantada. Tudo isso configura o legado mais preocupante de 64, e é através de seu entendimento que poderíamos ter acesso ao verdadeiro paradoxo cultural com o qual se defronta a sociedade brasileira de hoje.

Somos uma potência mundial em termos de diversidade cultural (tanto quanto em biodiversidade) – e o Nordeste é o grande celeiro, o Amazonas cultural. O nosso povo tem uma herança auditiva impressionante, uma maturidade rítmica que consegue lidar com sutilezas recônditas da construção musical. Essa riqueza ancestral explode em manifestações absolutamente cativantes e tem gerado desenvolvimentos capazes de projetar globalmente nossos valores – por exemplo, através do samba e da bossa nova, ou através de Villa-Lobos, no campo erudito.

Apesar de tudo isso, somos um grande mercado para o lixo cultural sonoro, promovemos nulidades nacionais e internacionais, deseducamos através da música e atuamos de forma a destruir essa memória fabulosa, impedindo que desempenhem as engrenagens em favor de um florescimento cultural orgânico e diferenciado. Nossa estrutura de educação para a cultura musical é uma piada, é absolutamente colada na mídia, não há mensagens alternativas sendo veiculadas de forma sistemática pela rede educacional. Poderia ser diferente? Seria possível investir pesadamente em deseducação e colher do outro lado ‘flores amorosas’?

O fato é que somos um arsenal de criatividade à espera de um processo eficaz de ignição (algo que o MINC estabelece com todas as letras em documento recente sobre cultura e desenvolvimento), com um impacto potencial enorme sobre a sociedade como um todo, sua capacidade de produzir divisas – via turismo, via exportação de pro-

dutos culturais, via construção de valor agregado para produtos de toda espécie, via potencialização de ONGs e redes sociais, etc.

Sendo assim, mais importante que celebrar o que acabou (mas nem tanto), é necessário refletir sobre o seu legado e suas transmutações, e sobre as sombras que projetam na área da cultura – o que significa lutar pela celebração da diversidade (e contra a homogeneização de produtos e de mercados), pela construção de diálogos entre passado e futuro, entre o local e o mundial, entre tradições e perspectivas eruditas e populares (‘erupodiputolização’, dizem jocosamente meus alunos de composição), e, sobretudo, pela implantação de políticas que compensem tantos e tantos anos de deseducação. Enquanto isso, parece legítimo continuar cantando: ‘Apesar de você, amanhã há de ser, outro dia...’ .